



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

“Outro Fuzilado Pelo Esquadrão”: o Esquadrão da Morte no *Ultima Hora* Carioca (1968-1969)

Mariana Dias Antonio¹

Resumo: A bibliografia sobre o Esquadrão da Morte (EM) utiliza amplamente fontes de imprensa, sendo inegável a importância destas para sua compreensão. Entretanto, alguns problemas e cuidados são necessários para o trabalho com representações fotojornalísticas. A análise de edições e fotografias do *Ultima Hora* (UH) carioca entre os anos de 1968 e 1969, sob a guarda do Arquivo Público do Estado de São Paulo, revela uma complexa malha de influências possíveis e um discurso que oscila entre certo apoio e a denúncia do EM. Apresentamos brevemente as origens do EM e do UH; as representações fotojornalísticas de execuções; o espaço cedido pelo periódico para explicar as motivações e “utilidade” social do EM; e as recorrentes denúncias contra seus excessos.

Palavras-chave: Esquadrão da Morte; *Ultima Hora*; fotojornalismo.

Abstract: The bibliography about the “Death Squad” (Esquadrão da Morte, EM) makes wide use of press sources, being undeniable the value of these sources for its comprehension. However, some problems and cautions are necessary to work with photojournalistic representations. The analysis of newspapers and photographs from the *Ultima Hora* (UH) from Rio de Janeiro between 1968 and 1969, in possession of the São Paulo State Public Archive, reveals a complex mesh of influences and a discourse oscillating between some support and the denouncement of the EM. We present briefly the origins of the EM and the UH; the photojournalistic representations of the executions; the space ceded by the newspaper to explain the motivations and social “utility” of the EM; and the recurrent denunciations against its excesses.

Keywords: Death Squad; *Ultima Hora*; photojournalism.

Introdução

Se o Brasil fosse destruído por um cataclismo, um só número ao acaso de qualquer dos grandes órgãos da Imprensa bastaria para conservar para sempre as feições e os caracteres da escravidão tal qual existe em nosso tempo. Não seriam precisos outros documentos para o historiador restaurar-a em toda a sua estrutura e segui-la em todas as suas influências. (NABUCO, 1883, p. 120).

A visão de Joaquim Nabuco retratada no trecho acima exhibe alguns exageros sobre o papel do jornal enquanto fonte histórica. De fato, muitas informações podem trair um autor e se apresentarem através de indícios no texto, algo já observado no início do século XX por Lucy

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Maynard Salmon (1923) quanto aos conteúdos publicitários, opinativos e ilustrações, e também explorado por Gilberto Freyre (1945, p. 464; 2010) quanto aos anúncios publicitários. Mas o que dizer sobre relato intencional de um evento ou acontecimento digno de ser noticiado? Jacques Le Goff atenta que “[o] documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (2006, p. 535-536). Quando essas relações de forças se apresentam múltiplas e operantes através de uma complexa malha de influências cruzadas, as hipóteses abundam, mas a possibilidade de interpretação através de uma única narrativa se escasseia.

Um estudo do Esquadrão da Morte através do jornal carioca *Ultima Hora* permite ilustrar a complexidade das fontes de imprensa e seus relatos ao historiador. Tendo esse objeto como exemplar, o presente trabalho busca apresentar os grupos de extermínio genericamente denominados pela grande imprensa como Esquadrão da Morte a partir das execuções noticiadas pelo jornal popular *Ultima Hora*, do Rio de Janeiro, entre 1968 e 1969. Apoiamos-nos na análise de publicações e fotografias do periódico a fim de levantar algumas formas de representação do grupo, suas vítimas e o posicionamento do jornal perante o Esquadrão, evocando suas intencionalidades e influências diversas. Apresentaremos alguns casos pontuais e representativos para se compreender a posição do periódico diante dos grupos de extermínio, que oscilava entre a denúncia de seus abusos e a apresentação de sua “utilidade”, ao ceder espaço para o Esquadrão explicar suas motivações para a eliminação de bandidos e marginais considerados irrecuperáveis.

A escolha do jornal *Ultima Hora* deve-se, sobretudo, à disponibilidade e acessibilidade de fontes para a referida pesquisa. Os jornais podem ser consultados junto ao Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) através do sítio <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/uhdigital>. As fotografias do periódico sobre o Esquadrão da Morte estão disponíveis para consulta *in loco* no acervo iconográfico do APESP. O volume de notícias sobre o Esquadrão da Morte no periódico também torna o *Ultima Hora* uma fonte exemplar, de modo que apenas entre os anos de 1968 e 1969 somam-se 121 edições que de alguma forma fazem referência ao grupo.

Origens do *Ultima Hora* e do Esquadrão da Morte

Fundado em 12 de junho de 1951 no Rio de Janeiro pelo jornalista Samuel Wainer, o vespertino *Ultima Hora* possuía como característica marcante seu apelo popular, pautado no sensacionalismo como forma de atrair o público-leitor. O periódico apresentava uma estética

convidativa e fazia amplo uso de fotografias, sobretudo na seção policial e na seção esportiva, além de chamadas sensacionalistas. Era publicado diariamente, com exceção dos domingos, e em pouco tempo surgiram diversas sucursais espalhadas por todo o Brasil.

O jornalismo popular caracteriza-se por jornais de pouca paginação e baixo custo, publicidade de produtos destinados ao seu público-alvo e um editorial que se define pela proximidade e empatia com o leitor e a conexão com o local e o imediato. Consideramos sensacionalismo como um recurso jornalístico operacionalizado através da hiperbolização da violência e do destaque para crimes, descontextualização dos conteúdos, exploração do extraordinário e do sofrimento humano, troca do primordial pelo supérfluo, inversão do conteúdo pela forma, denunciismo e banalização da violência (AMARAL, 2006, p. 21). É importante destacar que, apesar de comum, o sensacionalismo não é uma característica intrínseca do jornalismo popular, havendo a possibilidade de realizá-lo sem este recurso.

Através da combinação de alguns elementos do jornalismo popular e um apelo sensacionalista, o *Ultima Hora* construiria sua estratégia de mercado, atingindo altas tiragens em pouco tempo. A exploração dos crimes com fotografias impactantes, amplas chamadas e descrições detalhadas do acontecimento levaria o periódico a se aproveitar das execuções do Esquadrão da Morte. Ainda que os crimes de tais grupos tenham se avolumado a partir de 1968 (motivo de escolha do recorte histórico), faz-se necessário apresentar o contexto de surgimento do Esquadrão da Morte na imprensa. Nossa preocupação não foi uma história de determinada mentalidade de extermínio, mas sim a história de uma denominação mais ou menos genérica na imprensa e, através desta, no imaginário popular.

O surgimento dos grupos de extermínio denominados pela grande imprensa como Esquadrão da Morte remonta à década de 1950, precisamente o ano de 1957, com a criação da Turma Volante de Repressão aos Assaltos a Mão Armada (TVRAMA), conforme determinação do Chefe do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP) Amaury Kruel, ao transferir sete policiais da Seção de Diligências Especiais (SDE) para o TVRAMA em ato reservado (ULTIMA HORA, 1957). A SDE era prevista no Artigo 9º, item IV do Regulamento Geral do DFSP, aprovado através do Decreto nº 37.008, de 8 março de 1955 (BRASIL, 1955). Por vezes a Seção era denominada na imprensa como Serviço de Diligências Especiais ou Grupo de Diligências Especiais (GDE). Chefiado por Eurípedes Malta de Sá, o grupo tinha como principal objetivo refrear a crescente onda de crimes que se espalharam pela cidade do Rio de Janeiro.

O aumento da criminalidade estaria atrelado, sobretudo, ao crescimento populacional desorganizado. A população favelada da cidade do Rio de Janeiro havia dobrado entre os anos

de 1950 e 1960 (MOTTA, 2001, p. 108-109) devido a ondas migratórias supostamente da região Nordeste do país para o Rio de Janeiro e São Paulo (na época os maiores polos de industrialização).² Entretanto, a disparidade entre a baixa oferta e a alta procura de empregos teria provocado um aumento nos bolsões de pobreza urbana, sujeitando certa parcela da população ao subemprego e até mesmo a atividades ilícitas, como pequenos furtos, jogo do bicho e tráfico de entorpecentes. O aumento destas populações marginalizadas em espaços urbanos marginalizados somado aos meios escusos de sobrevivência e obtenção de renda favoreceram a criação do que Michel Misse denomina como *fantasma social*, “[...] um inimigo interno específico cujo perigo será representado como tanto maior quanto maior for sua incorporação por membros da sociedade” (1999, p. 176).

Pouco tempo após a criação do TVRAMA, o jornal *Ultima Hora* se referia ao grupo como “comandos suicidas” e “os suicidas”. O uso do termo “Esquadrão da Morte” em alusão ao grupo viria apenas em janeiro de 1958, inicialmente no jornal *O Globo* (20 de janeiro de 1958), seguido pelos jornais *Correio da Manhã* (8 de abril de 1958) e *Ultima Hora*, sendo este último no ano seguinte (12 de março de 1959) (MELLO NETO, 2014, p. 110). Num primeiro momento o grupo foi ovacionado nas manchetes e notícias do *Ultima Hora* e, apesar de sua brevidade, atuou tempo suficiente para criar uma mentalidade popular de ação policial violenta, propícia para a atuação e aceitação de tais grupos nas décadas seguintes como “resolução de problemas” para a crescente criminalidade no estado fluminense. O declínio do TVRAMA viria com a execução do motorista da TV Tupi, Edgar Faria de Oliveira, em 25 de fevereiro de 1958, no bairro Cachambi, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Devido à repercussão negativa, o grupo teve sua atuação diminuída rapidamente, vindo a desaparecer na imprensa em 1959. Quanto aos policiais envolvidos no assassinato, todos foram absolvidos após um longo julgamento, que se estendeu até 1961 (BARBOSA; MONTEIRO, 1980, p. 86-87; MELLO NETO, p. 116-145; ROSE, 2010, p. 294).

Com a dissolução do TVRAMA, a ênfase sobre o Esquadrão da Morte caiu drasticamente até o surgimento de um novo grupo em 1960, sob a liderança de Milton de Oliveira Le Cocq, também com a missão de caçar marginais considerados irrecuperáveis. Conhecido como “O Gringo”, Milton Le Cocq iniciou sua carreira na Polícia Militar, sendo posteriormente transferido ao destacamento de motocicleta da Polícia Especial, a Esquadra

² José Amaral Argolo situa essa dinâmica de inchaço populacional a partir da década de 1920; Michel Misse fala das décadas de 1950 a 1970; Janice Perlman comenta sobre as décadas de 1940 e 1950, mas sua pesquisa aponta números similares entre migrantes do nordeste e de outras regiões, como do próprio estado do Rio de Janeiro (Cf. ARGOLO, 2008, p. 34; MISSE, 2009, p. 372; PERLMAN, 1976, p. 62-66).

Montada (E.M.).³ A morte de Le Cocq em 27 de agosto de 1964, durante a perseguição ao bandido Manoel Moreira, o “Cara-de-Cavalo”, desencadeou um sentimento de revolta geral nos policiais, que passaram a perseguir o bandido nos dois meses seguintes com o propósito de realizar uma vingança em nome do detetive morto. Em 29 de agosto de 1964 o *Ultima Hora* noticiou com detalhes seu enterro e ilustrou a vindita almejada pela classe policial, trazendo uma chamada de grande destaque com os dizeres “Polícia de Luto Faz Juramento de Honra no Túmulo do Detetive; MORTE DE LE COCQ VAI CUSTAR 10 BANDIDOS” (ULTIMA HORA, 1964). Ao longo do mês de setembro o jornal acompanhou a caçada em busca de “Cara-de-cavalo”, encerrada em 3 de outubro de 1964 com a emboscada e execução do bandido.

Um ano após a morte de Milton Le Cocq foi fundada a *Scuderie Detetive Le Cocq*, inicialmente com finalidades filantrópicas. Entretanto, o grupo também passaria a eliminar marginais, sobretudo os que matavam agentes policiais. Em pouco tempo a *Scuderie* contava com membros em quase todos os estados brasileiros, bem como no exterior. Esta dispersão e desterritorialização dos grupos de extermínio permitiu o aumento de assassinatos e o efeito de *fantasmagorização*, assim descrito por David Maciel de Mello Neto:

De 1958 até 1964, o “Esquadrão da Morte” assume diversas manifestações. Contudo, são sempre atores identificáveis: a turma do detetive Malta, o grupo de Le Cocq, os policiais da Invernada de Olaria, três policiais que espancaram um trabalhador na Gávea e são chamados de “Esquadrão da Morte Zona Sul”. Em 1968, quando aparece o primeiro cadáver com cartaz e os muitos outros que se seguem a partir daquele ano, o “Esquadrão da Morte” ganha as características de um fantasma. Todos sabem o que ele é: “um grupo de polícias que matam bandidos considerados irrecuperáveis”. Mas quais policiais especificamente, ninguém sabe. Passa-se a acusar a polícia como um todo (MELLO NETO, 2014, p. 39).

Este efeito de *fantasmagorização* foi reforçado por um *modus operandi*, usualmente encontrado nos assassinatos supostamente realizados pelo Esquadrão da Morte: vítimas com unhas sujas, pele encardida, barba por fazer, sem tomar banho, pouca roupa; marcas de tortura, espancamento, estrangulamento por corda, marcas de algemas nos pulsos; disparos realizados por mais de um calibre, disparos de calibres utilizados pela polícia, disparos realizados após a morte da vítima (ferimentos que não fecham), tiro de misericórdia na cabeça da vítima; corpo deixado em lugar isolado, remoto, bairro de classe trabalhadora; corpo encontrado com outras vítimas, pouco sangue no local do crime (execução realizada em outro local), descartado à noite, marcas de pneus nas proximidades, moradores locais relataram não ouvir tiros; símbolo ou aviso com a autoria da execução; as vítimas são majoritariamente marginais; chamadas

³ A sigla da Esquadra Montada – “E. M.” – contribuiu para a alusão do destacamento de motocicleta ao Esquadrão da Morte (EM) pela imprensa (ROSE, 2010, p. 295).

telefônicas para as redações de jornais apontando a localização do cadáver, normalmente efetuadas por uma espécie de “porta-voz” (Rosa Vermelha no Rio de Janeiro e Lírio Branco em São Paulo); e casos encerrados por falta de evidência.⁴

O *modus operandi* traz uma dinâmica que lembra os suplícios tratados por Michel Foucault (1987), mas com uma lógica interna bem distinta. Os ferimentos de bala causados após a morte do indivíduo somados a elementos como símbolos e avisos evidenciam um preparo deliberado da cena, em oposição à “arte quantitativa do sofrimento” descrita pelo filósofo francês, mas salientamos que outros sinais permanecem como indicadores de tortura, ao exemplo das marcas de enforcamento e manietamento. A confissão das vítimas não é autoproclamada como no caso dos suplícios, mas deixada sobre os corpos pelo próprio Esquadrão da Morte, também alterando a lógica do suplício. Por fim, o preparo da cena soma-se às ligações feitas para as redações dos jornais por porta-vozes do grupo, evidenciando a demanda de publicidade ostensiva das execuções, assim como os suplícios também deveriam ser públicos.

Bastava que alguns dos elementos anteriormente citados estivessem presentes na cena do crime para que a imprensa atribuisse autoria direta ao Esquadrão. Por se tratarem de listagens baseadas num amplo número de casos noticiados, fica evidente a possibilidade de ruído na amostra ou mesmo a construção genérica e imprecisa de uma determinada categoria de execuções no imaginário popular, o que também facilitaria crimes forjados, como trazem obras do período tanto de cunho jornalístico como literário. No livro-reportagem *Esquadrão da Morte Um mal necessário?*, o jornalista Adriano Barbosa (1971, p. 58-63) comenta o caso do advogado Fernando Oliveira Salazar: em 7 de julho de 1970 o cadáver do contador Roberto Pôrto foi encontrado abandonado na Avenida Brasil dentro de um carro furtado e acompanhado de um cartaz com a caveira e as iniciais EM; ao que tudo indicaria posteriormente, o advogado Salazar seria o autor da execução, com base em relatos do porteiro de seu prédio e pedaços de papelão iguais aos utilizados na confecção do cartaz encontrados no interior de seu apartamento (material diferente do usualmente encontrado nos crimes do Esquadrão); o próprio advogado fez o reconhecimento do corpo, sendo deixado livre por erro das autoridades e foragindo-se. Barbosa trata, também, do bicheiro Felipe da Silva Pereira, que “[n]as diligências policiais para constatação das acusações foram apreendidos, no escritório do banqueiro de bicho, cordinhas

⁴ O *modus operandi* descrito foi levantado a partir de três fontes distintas, com base na similaridade de sinais e elementos discriminados (Cf. O PASQUIM, 1983; ROSE, 2010, p. 298-299; DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 1971).

iguais às usadas nos enforcamentos clandestinos e cartolina com o desenho da caveira” (BARBOSA, 1971, p. 63).

O romance *Esquadrão da Morte*, de Pinheiro Júnior e Amado Ribeiro (1969, p. 47-48), na época jornalistas do *Ultima Hora*, também trata deste efeito ao mencionar o caso do criminoso Zeca-boi, que forjou marcas de algemas em uma de suas vítimas com um anel de segmento de automóvel para incriminar o grupo.

O Esquadrão da Morte nas páginas do *Ultima Hora*

No período de 1968 e 1969, juntamente à desterritorialização e *fantasmagorização*, nota-se um aumento significativo das execuções atribuídas ao Esquadrão da Morte e certa padronização dos métodos de execução e descarte dos cadáveres. O aumento pode ser constatado a partir de algumas edições do *Ultima Hora*: a edição de 2 de outubro de 1968 noticiou a execução da 201ª vítima do grupo (ULTIMA HORA, 02/10/1968); outra edição do mesmo mês, em 11 de outubro, mencionou que apenas no ano de 1968 foram executados 133 bandidos pelo grupo e que, em dez anos de sua atuação, o número total de executados seria calculado em torno de 210 vítimas (ULTIMA HORA, 11/10/1968); no ano seguinte, em 22 de fevereiro de 1969, outra edição indica que o Esquadrão já teria matado mais de 300 pessoas até então (ULTIMA HORA, 22/02/1969). O levantamento de notícias sobre o Esquadrão da Morte no supracitado jornal também evidencia o aumento de execuções atribuídas ao grupo, havendo a ocorrência de 55 edições no ano de 1968 e 66 edições no ano de 1969 que de alguma forma remetem ao Esquadrão. Destas 121 edições compreendidas entre os anos de 1968 e 1969, muitas delas mencionam mais de uma morte, havendo também reportagens⁵ que não tratam de execuções, mas investigações, apelos de familiares das vítimas à justiça e denúncias contra o grupo.

Tendo como um de seus principais atrativos a seção policial, o periódico *Ultima Hora* buscou explorar as execuções atribuídas ao grupo através do uso massivo de fotografias, chamadas sensacionalistas e notícias que ocupavam considerável espaço na mancha gráfica de suas páginas. Entre as fotografias mais impactantes publicadas, aquelas que trazem os corpos das vítimas, era comum a captura durante o ato pericial, enquadrando parte do local em que as vítimas foram encontradas e sem a preocupação em ocultar detalhes das sevícias de balas,

⁵ Os termos “notícia”, “reportagem” e “matéria” não apresentam distinção de significado no presente artigo, sendo utilizados como forma de evitar repetição e designando conteúdos textuais que não sejam publicitários ou artísticos.

manchas de sangue ou o rosto dos indivíduos. Estas capturas costumavam ocorrer em ângulo de mergulho (posicionamento de câmera diagonal de cima para baixo) ou, mais raramente, zenital (posicionamento de câmera vertical acima do assunto) ou mesma altura do assunto.

As fotografias de familiares das vítimas ou demais entrevistados (delegados, investigadores, testemunhas) usualmente enquadravam tais indivíduos em plano americano (enquadramento do joelho pra cima) ou *close-up*. Nas fotografias de familiares das vítimas nota-se também a captura de ações com valor emotivo estereotipado, como abraços, expressões tristes ou gestos variados capazes de enfatizar aspectos trazidos nas chamadas ou textos.

Entre a captura e a publicação das fotografias, diversas intervenções técnicas eram utilizadas com o objetivo de modificar o sentido e a percepção da imagem. A alteração de sentido e percepção por meio de rotação e reorientação pode ser exemplificada com a notícia publicada em 4 de agosto de 1969, “EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO”, cuja fotografia foi rotacionada em 90° e teve mais da metade de sua área original eliminada pelo fator de corte, possivelmente com o intuito de enquadrar o corpo da vítima e reorientar o olhar do leitor para o cartaz contendo a insígnia do Esquadrão (um crânio com dois ossos entrecruzados) e alguns dizeres. Como consequência desta alteração, o leitor tem a impressão de que o corpo da vítima estaria encostado em uma parede, pendurado, quando na realidade estava caído sob um banco de praça (ULTIMA HORA, 04/08/1969). Entretanto, este efeito perceptivo é quebrado pelo corpo de texto, que descreve as condições em que o cadáver foi encontrado (para a página do jornal, Cf. Figura 1).

As intervenções sobre duas fotografias na edição de 14 de outubro de 1968 seguem uma intencionalidade de harmonização do espaço ocupado pela notícia. A fotografia de um pente de balas que, segundo a reportagem, “[...] foi propositalmente deixado ao lado do corpo”, foi rotacionada em 180° e teve 8/9 de sua área total eliminada pelo fator de corte, alterando o enquadramento de plano próximo para um plano detalhe. A fotografia de Raul Pereira Padrão, pai de uma vítima anterior do Esquadrão da Morte, durante um suposto apelo de justiça às autoridades, sofreu um espelhamento horizontal de modo a direcionar o olhar da pessoa retratada para a área textual da notícia. Junto ao espelhamento, a simples eliminação de 1/3 da área total da fotografia (alterando um enquadramento de plano próximo para um *close-up*) permitiu a aproximação do assunto ao observador e uma maior ênfase em suas expressões faciais e gestos (ULTIMA HORA, 14/10/1968; ver também Figura 2).

Alterações no fator de corte também eram utilizadas para ressignificar uma mesma fotografia dependendo da intencionalidade da redação. Na primeira página da edição vespertina de 22 de fevereiro de 1969 a chamada “ESQUADRÃO DA MORTE: PRÊSA NA BAIXADA

A SUCURSAL Nº1” acompanha uma foto em *close-up* com o rosto do perito criminal Paulo Diniz Junqueira (ULTIMA HORA, 22/02/1969a); a segunda fotografia presente na página policial da mesma edição enquadra o perito criminal enquanto ele examina um cadáver (ULTIMA HORA, 22/02/1969b). As referidas fotografias haviam sido publicadas respectivamente nos dias 14 e 11 de outubro de 1968 (ULTIMA HORA, 11/10/1968; 14/10/1968), mas os novos fatores de corte enfatizam o indivíduo, o perito denunciado como membro do Esquadrão da Morte, enquanto as publicações anteriores enfatizavam atos periciais como cenas completas (para comparação dos fatores de corte, Cf. Figuras 3 e 4).

ULTIMA ARMA CONTRA O CALOR E A RESISTENCIA DOS VARÕES DE PARIS



PARIS — O lugar comum da mulher bonita que dá o trânsito aplica-se literalmente aqui, numa rua de Paris, e é este modelo que apresenta a coleção da estilista Ted Leprieux. A evolução dos seus, para deixar de ser masculina, continua sendo para cima, como deixa explícito esta maximização, última arma feminina francesa contra o verão e também contra a indiferença dos varões. (Foto da UPI para UH).

De toda parte

EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO

Fugindo ao lugar comum de abandonar suas vítimas despidas e nas margens das estradas pouco movimentadas, o grupo da "Caveira" realizou outro elemento na madrugada de sábado, deixando o cadáver numa praça deserta, sem iluminação, localizada no final da Avenida Teixeira de Castro, Bonfins, Rio, em frente ao Parque Santa Luzia, e conhecida pelos populares como a "Praça do Cai-Duro".

A nova vítima foi executada com seis tiros no tórax e um nas costas, lado direito. Apresentava sinais de enforcamento, marcas de algemas e tinha a mão esquerda quebrada. Seus órgãos e um projétil calibre .45 foram encontrados pelo perito Gentil, do Instituto de Criminalística. O morto é um homem pardo, de 26 anos, presumível, trajando calça "lees" de veludo cinza, camisa de malha verde, pulôver cinza, paletó marrom sarja, de lá, meias de espuma nylon marrom e um par de sapatos esportivos. Tem uma cicatriz na queixo, estava bem barbado, meliorentado num dos bancos da praça, tendo sobre o corpo um casaco bem desenhado, com a caveira e os dentes: "Frasco". — Flávio Vilar, Mijail Vilar e Fernando C. O.

Por volta das cinco horas da madrugada de sábado, "Rosa Vermelha", o relatório público do grupo de Caveira, ligou para a redação dos jornais anunciando que estava novamente em ação. Disparando a voz, disse que os matadores eram três homens pretos e viajavam num Aéro Willys branco.

Uma carteira, nº 298, do Clube de Ciências Alberto Santos Dumont, em nome de Vicente Abate, de 19 anos, branco, foi encontrada a um metro do corpo, assim como um porta-vozes, contendo meio dólar de moedas e três fotografias pequenas da vítima, uma das quais, no verso, tinha escrito "Carlos Alberto dos Santos — Rua Paisandu, 184, ap. 202, Flamengo". O endereço não existe e ignora-se, até agora, se o nome é realmente do morto.

MONTANHA AZUL, NOVO ELDOorado DO BRASIL NA "BOA TERRA"

SAO SALVADOR (UPI) — Uma montanha de 15 quilômetros de extensão, toda de mármore azul, e comprida em desfiladeiro de um conchavado, se ergue no Rio das Macaúbas, abrindo ao País a perspectiva de exportação, em grande escala, do produto — único em todo o mundo.

A montanha azul foi adquirida pela Baronesa Boduich, russa de nascimento e casada desde a revolução comunista, que tem o contrato perpétuo de exclusiva exploração da mina.

O milênio Foi em Roma, onde mora, que a baronesa ouviu um italiano falar sobre a montanha azul, na Bahia. Como esse italiano descobriu a mina, e morreu. Os jornais começaram a notícia sobre o mármore azul com incredulidade e ironia, e o italiano que jurava existir tal montanha era tido como visionário ou simplesmente maluco. Menos para a Baronesa Boduich, que acreditou nele, tomou um avião e veio ao Brasil fechar o negócio.

Mapa da mina O tal italiano tinha, além de sua história, um mapa da Bahia, assinalando a região das Macaúbas. Mal chegou a Bahia, a baronesa fez um avião e sobreviou toda a área. A três horas de Salvador viu a montanha azul a perder de vista. Em pouco descobriu-se que o nome daquela terra usava no Rio, onde contraiu-se com pedras. Ele nunca tinha ouvido falar em mármore azul e não hesitou quando a baronesa ofereceu-lhe, a vista, 400 mil tocos pela montanha. De volta à Bahia, a baronesa registrou a mina em cartório e foi falar com o Governador Luís Viana Filho. O mármore, chamado ago-

ra de "azul da Bahia", tem uma dureza única também em mármore; grau sete contra a amarela (o normal é 4 ou 5). Apresenta-se em oito tonalidades, e a primeira delas, a mais linda, vai se chamar "azul Viana", em homenagem ao governador.

Exploração A empresa para a exploração da mina já foi constituída, e a Indústria e Comércio de Mármore Azul da Bahia, S.A., com escritório na Cidade de São Paulo. O presidente executivo é o Sr. Rui Santos e o vice-presidente o Sr. Victor Andrew. A baronesa é a presidente do conselho.

O governador pretende que, antes do fim do ano, estejam concluídas a estrada para as Macaúbas e a rede elétrica. Escolas, hospitais e casas serão construídos perto da montanha, para a extração industrial.

Quem é A baronesa, que nasceu em Leningrado, é descendente do cônsul embaixador do Brasil Alexander Boduich, que vendeu o Alasca aos Estados Unidos. Com a revolução socialista de outubro, ela se exilou e está residindo há muitos anos em Roma.

Ela agora vai oferecer uma mesa de mármore azul da Bahia ao Presidente Nixon, por ocasião da visita do Governador Luís Viana Filho à Casa Branca, no mês que vem.

CIDADE NUA DOS EUA ELEGUE DIANE A SUA RAINHA NUDISTA

NAKED CITY, Indiana, EUA (UPI-UH) — Uma moça de olhos verdes, Diane Helicote, de 21 anos, foi eleita Miss Nudista dos Estados Unidos, num concurso realizado sábado à noite em Naked City — que quer dizer cidade nua.

As 25 concorrentes desfilaram pela passarela vestindo apenas uma coisa: um capacete de plástico branco semelhante ao usado pelos trabalhadores da obra, com o nome do Estado escrito do lado, e entre os prêmios a queijos a ratinha, que representou o Estado de Nevada, está um guarda-roupa completo.

Todo mundo nu Miss Nudista é mulher de um vendedor. Ela tem 1,63m de altura, pesa 49 quilos, tem 91 cm de busto, 58 de cintura e 91 de quadril. As princesas são Miss Novo México e Miss Califórnia, cujas names não foram reveladas pelas organizadoras do concurso.

As candidatas desfilaram pela passarela ante um público de algumas centenas de pessoas, que pagaram dez dólares (41 cruzeiros novos) por cada — o dobro do preço normal para entrar no campo, que fica perto de Bonaville. Somente casais podiam entrar em Naked City para assistir ao concurso. O gerente do campo, Dick Drost, declarou que ninguém obrigava na presença a se despirem também, mas acrescentou que geralmente todos ficam nus, pois sentem vergonha dos outros.

No rádio e TV Miss Nudista dos EUA ganhou férias grátis para duas pessoas, no Hotel Playboy, na Jamaica, um contrato para fazer compras no rádio e na televisão, ações no valor de 100 dólares (410 cruzeiros novos), comissões, um título patrimonial de Naked City e, provavelmente, para garantir a volta para casa, um guarda-roupa completo.

Bronzeadas Das três finalistas, Miss Nevada e Miss Novo México pareciam obedecer rigidamente ao código nudista — estavam quase nuas, de sol da cabeça aos pés. Miss Califórnia, porém, parece ter tomado por menos alguma de seus banhos de sol de maio, como mostravam as partes mais claras do seu corpo.

ANDREAZZA INAUGURA 67 KM DE ESTRADA ASFALTADA NO PARANÁ

CURITIBA (UPI) — O Ministério dos Transportes, Coronel Mário Andreazza, inaugurou sábado o trecho de 67 quilômetros asfaltados entre Rolândia e Foz de Iguaçu, primeira etapa da PR-77, que ligará Rolândia à Foz de Iguaçu, na divisa com o Estado de São Paulo.

O Coronel Andreazza declarou que o seu Ministério asfaltará até 1970 três mil quilômetros de estradas de rodagem no Paraná. Em presença do Governador Paulo Fontana e diversas autoridades, o titular dos transportes salientou a importância da obra no desenvolvimento do Estado, particularmente para a zona cafeeira.

Honorário O Ministro percorreu os 67 quilômetros asfaltados

Bemoreira

MANDA PREÇOS.

LOCOMOTIVA

DAIS LANCHES

COMPRE HOJE PARA OUVIR E VER

Auto Rádio ZILMAG (12 tubos) DE 18, BAIXOU 11, PARA 11, MENSAL	ABC "Canarinho" (2 tubos) DE 8, BAIXOU 5, PARA 5, MENSAL	ABC TRANSBRASIL IV (4 tubos) DE 12, BAIXOU 7, PARA 7, MENSAL	GE (do mosa) ATLAS 5 faixas DE 16, BAIXOU 11, PARA 11, MENSAL
SEMP - TR 390 (3 tubos) DE 13, BAIXOU 9, PARA 9, MENSAL	SEMP-TR 33-3 faixas (3 tubos) DE 12, BAIXOU 8, PARA 8, MENSAL	SEMP AC 242 - 2 faixas (2 tubos) DE 15, BAIXOU 9, OU 6, MENSAL	SEMP - LP 75 - 3 faixas (3 tubos e 12 pilas) DE 17, BAIXOU 7, PARA 7, MENSAL
EMPIRE BABY (5 tubos) DE 23, BAIXOU 12, PARA 12, MENSAL			
SEMP - SP 16 (16 tubos) DE 25, BAIXOU 39, PARA 39, MENSAL			

Página 6

Segunda-feira, 4 de Agosto de 1969

ULTIMA HORA

Figura 1 — Última Hora, 4 de agosto de 1969, (ed. vespertina, p. 6, 1º caderno). Fonte: Fundo Última Hora Digital (APESP), disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/uhdigital.



Figura 3: Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1034-078 nas edições de 14 de outubro de 1968 (superior) e 22 de fevereiro de 1969 (inferior). Ruídos nas partes inferior e canto superior esquerdo em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Fundo *Ultima Hora* (APESP - Hemeroteca e Iconográfico).

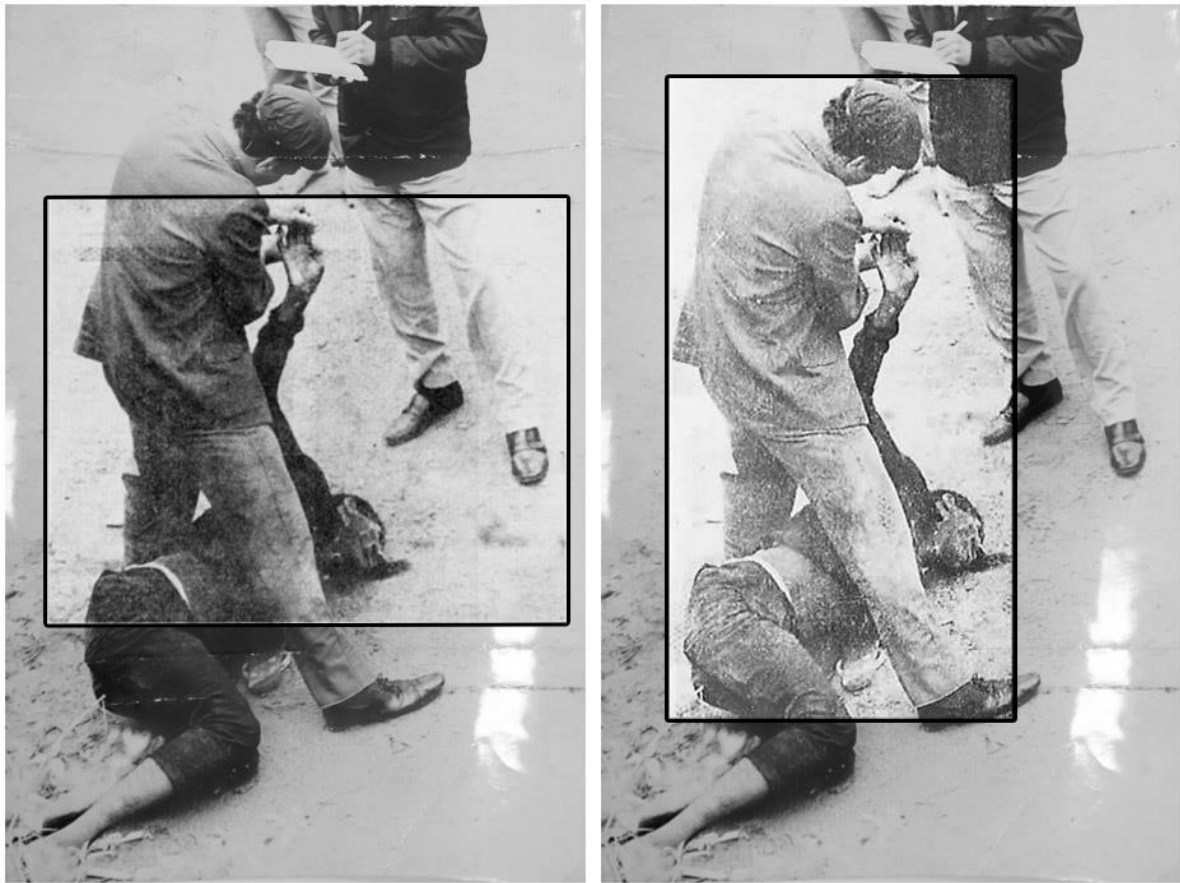


Figura 4 - Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1035-064 nas edições de 11 de outubro de 1968 (esquerda) e 22 de fevereiro de 1969 (direita). Ruídos nas laterais em função do reflexo de iluminação externa durante a reprodução no APESP. Fonte: Fundo *Ultima Hora* (APESP - Hemeroteca e Iconográfico).

O conteúdo textual das notícias apresenta um forte apelo sensacionalista, sobretudo pelo teor das adjetivações ao grupo e às vítimas, pelas descrições detalhadas da cena do crime e do corpo das vítimas, e pela intertextualidade com as fotografias, elementos que se complementam e permitem ao leitor uma construção mental do evento, um pseudoambiente.

As notícias em sua totalidade – fotografia, título, chamadas e corpo de texto – também foram analisadas quanto à sua saliência, tomando saliência como um conjunto de elementos gráficos que hierarquiza a ordem de leitura: a notícia de alta saliência apresenta títulos, chamadas e imagens grandes, ocupa parte considerável da folha do jornal e capta imediatamente a atenção do leitor; a notícia de baixa saliência apresenta-se usualmente em regiões periféricas do jornal, em pequenas notas, com pouco ou nenhum destaque na folha, sendo comum a ausência de fotografias. As notícias sobre o Esquadrão da Morte contidas nas Figuras 1 e 2 exemplificam o critério de “alta saliência” adotado por capturarem prontamente a atenção do leitor a partir de elementos gráficos, escala e ordem de leitura ocidental. Ainda que o elemento

mais saliente na Figura 1 seja um anúncio publicitário, a notícia figura entre os primeiros elementos a capturar a atenção visual do leitor.

Comparativamente entre os anos de 1968 e 1969 nota-se uma significativa queda de saliência nas reportagens sobre o Esquadrão da Morte. Deslocando-se a divisão dos blocos para 13 de dezembro de 1968 o padrão se mantém na segunda metade daquele mês, sobretudo pela ausência de chamadas de capa e fotografias das vítimas, permitindo uma imagem mais clara e plausível do que pode ter ocasionado tal queda de saliência.

O Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, suspendeu garantias constitucionais e limitou liberdades individuais previstas na Constituição da República Federativa do Brasil de 24 de janeiro de 1967 (BRASIL, 1968). Para a imprensa, o Ato reforçou a censura aos meios de comunicação, sobretudo com seu artigo 9º, que concedia poder ao Presidente da República para baixar Atos Complementares e adotar as medidas previstas nas alíneas “d” e “e” do §2º do Artigo 152 da Constituição (“suspensão da liberdade de reunião e de associação” e “censura de correspondência, da imprensa, das telecomunicações e diversões públicas”, respectivamente) (BRASIL, 1967).

Imediatamente após a vigência do AI-5, o *Ultima Hora* passou a noticiar o Esquadrão de maneira mais cautelosa e tímida. Em números relativos, as chamadas de capa, notícias de alta saliência e uso de fotografias foram reduzidos de forma significativa, surgindo também neste período reportagens em notas curtas, situadas em trechos periféricos da folha policial (Tabela 1). Os dados parecem reafirmar, até certo ponto, uma realidade vivida pelo jornal *Notícias Populares* de São Paulo, que recebeu em 10 de março de 1969 uma mensagem determinando a censura do termo “Esquadrão da Morte” em suas manchetes (CAMPOS JUNIOR, 2011, p. 77).

As notas curtas do *Ultima Hora* traziam simplesmente o termo “Esquadrão” como título, mas, de maneira geral, o termo “Esquadrão da Morte” não precisou ser substituído por outro como ocorreu com o jornal paulista *Notícias Populares*. Relatos sobre censura dentro do *Ultima Hora* são escassos na bibliografia sobre o periódico e Marialva Barbosa ressalta que posteriormente ao AI-5 havia “[...] muito mais autocensura nos órgãos de imprensa do que censura prévia [...]” (BARBOSA, 2007, p. 194). Aparentemente, os padrões encontrados demonstram a autocensura como forma de convivência ou até de internalização da censura. Outra possibilidade para esta redução de saliência no periódico seria um possível esgotamento e banalização do tema, tornando o Esquadrão da Morte menos vendável que outros assuntos.

Tabela 1. Algumas características de notícias sobre o EM antes e depois do AI-5

	Pré AI-5 (50 jornais analisados)		Pós AI-5 (71 jornais analisados)	
Presença de chamada na capa	56,00%	28	25,35%	18
Notícias com alta saliência	76,00%	38	57,75%	41
Presença de fotografia na capa	36,00%	18	8,45%	6
Presença de fotografia na matéria ou capa	78,00%	39	49,30%	35
Fotografia de corpo ou local de crime	46,00%	23	23,94%	17
Notícia em nota curta ou coluna lateral	0,00%	0	38,03%	27
Total de jornais noticiando o EM	100%	50	100%	71

Fonte: Edições de jornais digitalizadas do Fundo *Ultima Hora* (APESP - Hemeroteca), compreendidas ao longo de 1968 e 1969, conforme a incidência de reportagens sobre o Esquadrão da Morte. Total de jornais compreendidos entre janeiro de 1968 e 12 de dezembro de 1968: 50 exemplares (não constam notícias sobre o EM nos meses de janeiro e fevereiro). Total de jornais compreendidos entre 13 de dezembro de 1968 e o fim dezembro de 1969 (não constam edições de novembro no acervo): 71 exemplares. A contagem dos dados toma por referência a data, não contando duas vezes para repetições entre a edição matutina e a vespertina. As incidências são contadas mesmo quando presentes em apenas uma das edições.

Um breve levantamento de fotógrafos e repórteres envolvidos na cobertura das execuções perpetradas pelo Esquadrão da Morte permite uma terceira hipótese: um gradativo distanciamento do chefe de redação da seção policial, Amado Ribeiro, em relação às notícias do Esquadrão.⁶ Se realmente ocorrido, tal distanciamento poderia ser consequência de fenômenos diversos que vão desde perseguições ao jornalista até uma simples perda do interesse no tema. O levantamento de fotografias é lacunar frente ao de jornais, mas de qualquer forma, e qualquer tenha sido a causa deste eventual distanciamento, a consequência ainda pode ser considerada como uma espécie de autocensura por parte do jornal.

Ainda que a forma de noticiar o Esquadrão tenha se acautelado quanto a elementos gráficos, o periódico produziu mais notícias sobre o Esquadrão no período posterior ao AI-5, um total de 71 notícias (aproximadamente 6 por mês) contra apenas 50 no período anterior (aproximadamente 4 por mês, ou aproximadamente 5 se desconsiderados os meses de janeiro e fevereiro), o que afasta a possibilidade de esgotamento do tema e perda de seu valor mercadológico. A simples cessão de espaço ao grupo nas páginas do *Ultima Hora* em tantas edições num curto espaço de tempo já é digna de nota, além de oscilar entre a denúncia e o contraditório.

⁶ Das fotografias consultadas junto ao acervo iconográfico do APESP, referentes a 42 edições do jornal entre os anos de 1968 e 1969 que noticiam o Esquadrão da Morte, o nome de Amado Ribeiro se faz presente e frequente entre 28 de junho de 1968 e 10 de março de 1969, ressurgindo pontualmente em 15 de maio de 1969, sem ocorrências posteriores.

A denúncia ao grupo pode ser evidenciada nas edições de 15 de julho, 8 de outubro e 12 de outubro de 1968, bem como em 22 de fevereiro e 15 de julho de 1969. A edição matutina de 15 de julho de 1968 noticia a designação de um delegado para apurar 8 mortes atribuídas à polícia, cujas marcas deixadas no local do crime indicam a autoria do Esquadrão da Morte. O posicionamento do jornal permanece aparentemente neutro em toda a notícia, mas a simples cessão de espaço ao noticiar a nomeação do delegado para apurar “crimes” do Esquadrão caracteriza uma denúncia de suas práticas (ULTIMA HORA, 15/07/1968). A edição de 12 de outubro de 1968 noticiou a indicação de um promotor de justiça para investigar todos os crimes da polícia, “[...] especialmente ao Esquadrão da Morte [...]”. Nas palavras do promotor, os crimes seriam “[...] por demais horripilantes [...]” e deve-se dar crédito às palavras do professor Jurandir Manfredini, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, que “[...] identifica os criminosos como sádicos sexopatas.” (ULTIMA HORA, 12/10/1968). Jurandir Manfredini já havia sido entrevistado pelo *Ultima Hora* na edição de 8 de outubro, quando diagnosticou os integrantes do Esquadrão como psicopatas, salientando que “[...] existe dentro da patologia sexual aquilo que chamamos de sádico homicida, que consiste na obtenção de um máximo de gratificação libidinal através da destruição de parceiros desejados” (ULTIMA HORA, 08/10/1968). Também em 8 de outubro o caráter denunciativo pode ser evidenciado em trechos como: “[e] é tal a certeza de impunidade dos matadores que eles se dão ao luxo de oferecer detalhes à reportagem e lançar manifesto ao povo da Guanabara.” (ULTIMA HORA, 08/10/1968).

Na edição de 22 de fevereiro de 1969 o jornal noticiou a prisão do perito Paulo Diniz Junqueira, acusado de chefiar a 1ª sucursal do Esquadrão da Morte; a reportagem reforça a ideia de denúncia e desaprovação ao utilizar termos como “organização maldita” e “perito do diabo” (ULTIMA HORA, 22/02/1969) em referência ao grupo e ao principal acusado. Na edição de 15 de julho de 1969, uma coluna intitulada “QUANTO VALE A VIDA DE UM HOMEM?” reforça uma visão negativa do grupo, já que um suposto entendido do Esquadrão da Morte teria afirmado que “[...] a vida de um homem pode realmente não valer um dólar, mas a sua simples eliminação, a mando de terceiros, por motivos vários, poderá render bom preço aos pistoleiros profissionais.” (ULTIMA HORA, 22/02/1969).

O espaço cedido ao grupo pelo periódico pode ser evidenciando nas edições de 9 e 11 de outubro de 1968, em que “Rosa Vermelha”, relações-públicas do Esquadrão da Morte no Rio de Janeiro, defende o Esquadrão de algumas denúncias e explica as motivações do grupo. Na edição de 9 de outubro, quarta-feira, “Rosa Vermelha” menciona à redação que qualquer atribuição de mortes ao grupo até o próximo sábado seria equivocada. O relações-públicas

responde ao parecer do professor Jurandir Manfredini, publicado no dia anterior, mostrando-se indignado com os diagnósticos do psiquiatra e acusando a psiquiatria brasileira de “[...] alienada, falida e sem perspectiva.” (ULTIMA HORA, 09/10/1968). Na edição de 11 de outubro, "Rosa Vermelha" reitera a não participação do grupo nas execuções das últimas 48 horas e afirma que qualquer menção ao Esquadrão será uma provocação. O relações-públicas novamente explica as motivações do grupo:

– O nosso protesto é traduzido por rajadas de metralhadoras nos marginais – afirmou teatralmente. – Se o Governo não os quer ver mortos, se não quer ver uma imagem brutal do País traduzida no exterior, que providencie uma penitenciária na selva amazônica para os chamados delinqüentes irrecuperáveis (ULTIMA HORA, 11/10/1968).

Em 15 de outubro de 1968 o jornal traz a opinião de um legista sobre as execuções. Para este, “[...] a matança é salutar, pois livra a população de marginais.” (ULTIMA HORA, 15/10/1968), demonstrando certa aceitação do extermínio e determinados critérios de exterminabilidade. Como vimos anteriormente, em 22 de fevereiro de 1969 um perito criminal seria acusado de chefiar uma sucursal do EM; 11 de julho de 1969 o promotor João Lopes Esteves acusaria legistas e fotógrafos de alterar dados e cenas de crime em favorecimento do Esquadrão (ULTIMA HORA, 11/07/1969).

Por vezes a cessão de espaço adquire tons jocosos, como evidencia a edição de 7 de março de 1969, quando o porta-voz do grupo “Rosa Vermelha” teria afirmado que:

[...] a matança na Guanabara sofreu um certo recesso porque alguns dos carrascos invisíveis tiraram férias no período do carnaval, mas que todos já estão de volta “mais corados pelo ar de montanha de Minas pelo leite saudável das vacas mineiras, outros queimados pelo sol de praia do Estado do Rio e Espírito Santo e todos, sem exceção, com um comichão nos dedos indicadores ávidos de voltar a apertar os gatilhos das pistolas e metralhadoras” (ULTIMA HORA, 07/03/1969).

Em 28 de setembro de 1968 o jornal se manifesta por suas próprias palavras, sem utilizar o discurso de terceiros, e dedica um quadro à “Breve história do incrível EM”, onde o grupo é ovacionado em suas rotinas, treinamentos, atuação profissional e formação de seus membros, citando inclusive alguns nomes (ULTIMA HORA, 28/09/1968). O conteúdo textual destoa do título no sentido de não apresentar a história do grupo, mas apenas os elementos supracitados.

Por fim, embora as vítimas sejam usualmente alcunhadas pelo jornal como marginais ou bandidos, outro padrão poderia ser depreendido das fontes analisadas, como é o caso de alguns sobreviventes do EM referidos por sua ocupação profissional: as edições de 19 de outubro de 1968 e 22 de fevereiro de 1969, tratam os sobreviventes respectivamente como “funcionário do SESP” (ULTIMA HORA, 19/10/1968) e “comerciante” (ULTIMA HORA,

22/02/1969). Uma comprovada inexistência de vínculo entre o EM e uma execução também causaria efeito semelhante sobre a vítima, como é o caso do “operário” morto na edição de 14 de janeiro de 1969 (ULTIMA HORA, 14/01/1969). Mas mesmo esse suposto padrão se apresenta problemático ao constatarmos que na edição de 10 de outubro de 1968 dois sobreviventes do EM são apresentados ao público como “ex-presidiário” e “o mais conhecido assaltante a mão armada de Niterói” (ULTIMA HORA, 10/10/1968).

Nota-se que no período analisado o Esquadrão da Morte permitiu a criação de amplo material tanto iconográfico quanto textual por parte do *Ultima Hora*, fornecendo à seção policial do periódico diversas oportunidades e possibilidades de utilizar a emoção dos crimes e indignação do público para pungir os “leitores de manchetes” e fazê-los adquirir um exemplar nas bancas. Deslocando-se de sua função primária e num momento histórico distinto, o periódico apresenta um rico e material ao pesquisador que busca compreender o Esquadrão da Morte enquanto fenômeno, ainda que esta compreensão apresente vários dificultadores.

Considerações finais

Para José Amaral Argolo (2008, p. 120-121), o Esquadrão da Morte não passa de uma rotulação, um nome construído dentro do discurso jornalístico para denominar os diversos grupos de extermínio que surgiram a partir da década de 1950 com a justificativa de acabar com marginais considerados como irrecuperáveis e promover a segurança e a ordem pública no Rio. Esta afirmação ganha força ao notarmos que a bibliografia relacionada ao Esquadrão da Morte se baseia majoritariamente em fontes de imprensa. Livros, artigos e documentos variados, como o relatório final da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2015), e um telegrama da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil sobre o Esquadrão da Morte, de 8 de junho de 1971 (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS, 1971), fazem amplo uso dessa tipologia de fontes para trazer informações sobre a atuação dos grupos de extermínio. De certa forma, a narrativa histórica sobre o Esquadrão da Morte se mescla à narrativa midiática. Observar a complexidade, as diversas variáveis e possibilidades que influenciam na construção da fonte é um passo necessário antes de tentarmos extrair padrões mais gerais e amplos.

Entre as críticas mais recorrentes ao uso da imprensa para a escrita da História, encontramos aquelas referentes à ausência de parâmetros para seleção das fontes, a leitura dos periódicos como meros receptáculos de informações a serem extraídas e usadas de forma indiscriminada pelo pesquisador, e o apelo à imprensa como um simples meio de confirmação

de hipóteses, por vezes através de coletas negligentes ou oportunistas (LUCA, 2005). Outras críticas recentes na história dos processos comunicacionais tratam de pesquisas monográficas muito recortadas e sem um trabalho de síntese (BARBOSA; RIBEIRO, 2011; HERSCHMANN; RIBEIRO, 2008). Estas últimas poderiam ser lançadas sobre o presente trabalho, observada a escolha de um único periódico ao longo de apenas dois anos de circulação. Entretanto, a escolha destes recortes visa uma análise mais detalhada de aspectos que trabalhos sintéticos costumam ignorar (ou descartar como meros ruídos) e que podem revelar vieses de confirmação em outros trabalhos sobre o Esquadrão da Morte.

Utilizar fontes de imprensa sem perder de vista a complexidade de sua criação não é necessariamente uma novidade. Como apresentado na introdução, os trabalhos de Lucy Maynard Salmon (1923; 1926) já apontavam para a importância de aspectos indiciários dos conteúdos publicitários, opinativos e ilustrativos dos jornais e para a necessidade de colaboração cruzada entre profissionais de áreas distintas no trato com estas fontes. Também a presença de comunicólogos no trabalho historiográfico ajudou a atentar para aspectos profissionais, empresariais, discursivos, técnicos e deontológicos na produção dessas fontes (BARBOSA; RIBEIRO, 2011; HERSCHMANN; RIBEIRO, 2008).

Na busca do que foi produzido, quem produziu, por que produziu, para quem produziu, como produziu, como circulou o produto e em que suporte circulou,⁷ evidenciamos como diversas hipóteses podem ser formadas a partir de diversos padrões e detalhes, e trouxemos mais perguntas que respostas. A predominância de fotografias em mergulho demonstra um interesse guiado de inferiorização da vítima enquanto indivíduo descartável? Ou o ângulo seria apenas cômodo ao fotógrafo que registra um corpo usualmente abandonado no chão? A queda de saliência das notícias após o AI-5 resultaria de pressões censórias externas ou internas à redação? Ou apenas uma redução do valor noticioso do assunto? Ou ainda um eventual distanciamento do redator chefe da seção em relação ao assunto? Seria mais prudente dizer que o *Ultima Hora* apoiava ou se opunha às execuções no período analisado? Podemos considerar a cessão de espaço a especialistas, autoridades públicas, familiares das vítimas e aos próprios perpetradores das execuções como demonstração de imparcialidade? Se um único veículo de imprensa e um recorte de tempo tão sumário deixam tantas questões mal resolvidas, o que diríamos de generalizações mais amplas e iniciadas com “a imprensa da época...”? Elementos

⁷ Evitamos realizar entrevistas com leitores do *Ultima Hora* por uma série de fatores que incluem efeitos de alternância, ou seja, mudanças na visão de mundo entre “o leitor em 1968-1969” e “o entrevistado nos dias atuais” (Cf. BERGER, 1986). Entretanto, objetos que visualmente “pungem” o leitor podem ser analisados com base apenas nas fontes, uma vez que diversos elementos gráficos podem resultar em orientação exógena da atenção visual. Nosso critério de “saliência” foi construído com base em elementos deste tipo.

se somam na tentativa de excluir ou priorizar tal ou qual hipótese, mas atentamos aqui para um maior apelo aos detalhes na tentativa de compreender eventos e fenômenos históricos.

Através das fontes aqui analisadas (jornais e fotografias) buscamos indícios de como os diversos agentes envolvidos na criação de um acontecimento digno de ser noticiado podem moldar, editar, alterar e publicar este acontecimento, criando e consolidando determinadas narrativas e um conjunto de representações no imaginário popular, mas não devemos nos esquecer que os veículos de comunicação são plurais, assim como o público destes veículos. Neste aspecto concordamos com Patrick Champagne (2000), para quem a criação de um acontecimento é um jogo complexo que envolve diversos agentes, estratégias e interesses conflitantes, mas que resulta em discursos mais ou menos estáveis e possibilita a escrita de uma História Cultural capaz de fazer emergir percepções sociais de determinados grupos, numa determinada época, sobre o papel das instituições, amplitude e gravidade da violência urbana, limites toleráveis da atuação do poder público e dos poderes paralelos, bem como estratégias mercadológicas adotadas por aqueles que vivem da circulação informações: a imprensa.

Referências:

- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARGOLO, José Amaral. *As Luminárias do Medo: vida, paixão e morte do jornalismo policial no eixo Rio de Janeiro-São Paulo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- BARBOSA, Adriano. *Esquadrão da Morte - um mal necessário?* São Paulo: Mandarino, 1971.
- BARBOSA, Adriano; MONTEIRO, José. *Do Esquadrão ao Mão Branca*. Rio de Janeiro: Jaguaribe Gráfica e Editora. 1980.
- BARBOSA, Marialva Carlos. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação História: um entre-lugar. In: BARBOSA, Marialva Carlos; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs.). *Comunicação e História - partilhas teóricas*. Florianópolis: Insular, 2011. p. 9-28.
- BERGER, Peter. Excurso: Alternância e Biografia (ou: Como adquirir um passado pré-fabricado). In: BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. trad. Donaldson M. Garschagen. 23. ed. Vozes, Petrópolis. 1986.
- BRASIL. *Decreto nº 37.008, de 8 de março de 1955*. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=459593&id=14231716&idBinario=15773375&mime=application%2Frtf>>. Acessado em 06 ago. 2018.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1967*, de 24 de janeiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm>. Acessado em 30 jul 2018.

BRASIL. *Ato Institucional Nº 5, de 13 de Dezembro de 1968*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acessado em 30 jul 2018.

CAMPOS JUNIOR, Celso de. et. al. *Nada Mais que a Verdade: a extraordinária história do jornal Notícias Populares*. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

CHAMPAGNE, Patrick. L'événement comme enjeu. *Réseaux*, Paris, vol. 18, nº 100, p. 403-426, 2000. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_2000_num_18_100_2231>. Acessado em 27 jul. 2018.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS. A-249 AmEmbassy BRASILIA AmEmbassy RIO DE JANEIRO 08 jun. 1971. *The Nacional Security Archive*. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB478/docs/doc4.pdf>>. Acessado em 04 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia. Introdução ao Estudo dos seus Princípios*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1945.

FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*. 4. ed. São Paulo: Global, 2010.

HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. História da Comunicação no Brasil: um campo em construção. In: HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.). *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008. p. 13-26.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. vários tradutores. 5. ed. 2. reimpr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MISSE, Michel. *Malandros, Marginais e Vagabundos e a Acumulação Social da Violência no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Sociologia), Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1999.

MISSE, Michel. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, vol. 8, nº 3, p. 371-385, jan. 2009. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4865>>. Acessado em 06 ago 2018.

MELLO NETO, David Maciel. *“Esquadrão da Morte”*: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro*: de cidade-capital a Estado da Guanabara. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Londres: Typographia de Abraham Kindgon E Ca, 1883.

PERLMAN, Janice. *The Myth of Marginality*: Urban Poverty and Politics in Rio de Janeiro. Berkeley: University of California Press, 1976.

PINHEIRO JUNIOR, José Alves; RIBEIRO, Amado. *Esquadrão da Morte*. Brasília: Editôra de Brasília, 1969.

RIO DE JANEIRO. *Relatório Final da Comissão da Verdade do Rio*. Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. Disponível em: <<https://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/12/cev-rio-relatorio-final.pdf>>. Acessado em 04 ago. 2018.

ROSE, R. S. *The Unpast*: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

SALMON, Lucy Maynard. *The Newspaper and the Historian*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1923.

SALMON, Lucy Maynard. The Newspaper and Research. *American Journal of Sociology*, vol. 32, nº 2, p. 217-226, set. 1926. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2765002>>. Acessado em 04 ago. 2018.

Fontes de imprensa:

AFOGADO. *Ultima Hora*, 14/01/1969. p. 8. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4726>. Acessado em 07 ago. 2018.

AMADO Ribeiro, um correspondente na guerra do crime: “Eu batizei o Esquadrão da Morte!”. *O Pasquim*, 28/04 a 04/05/1983.

BREVE história do incrível EM. *Ultima Hora*, 28/09/1968. p. 8. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4487>. Acessado em 07 ago. 2018.

“EM” mata mais três. *Ultima Hora*, 10/10/1968, p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4520>. Acessado em 07 ago. 2018.

ESQUADRÃO da Morte: Prêsa na Baixada a Sucursal nº 1. *Ultima Hora*, 22/02/1969a. p. 1. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4788>. Acessado em 07 ago. 2018.

ESQUADRÃO da Morte: Chefe era um perito. *Ultima Hora*, 22/02/1969b. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4789>. Acessado em 07 ago 2018.

ESQUADRÃO da Morte escala caça grossa. *Ultima Hora*, 07/03/1969. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4824>. Acessado em 07 ago 2018.

EXECUTADO mais um na Praça do Cai-Duro. *Ultima Hora*, 04/08/1969. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/5202>. Acessado em 07 ago 2018.

FUZILADO teve os olhos arrancados. *Ultima Hora*, 11/10/1968. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4523>. Acessado em 07 ago. 2018.

MINISTÉRIO Público indica Promotor Avena para levantar todos os crimes da Polícia. *Ultima Hora*, 12/10/1968. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4525>. Acessado em 07 ago. 2018.

MULTIPLICAM-SE as quadrilhas de bandidos num desafio audacioso à ação da polícia! *Ultima Hora*, 28/08/1957. p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/41398>>. Acessado em 07 ago. 2018.

OUTRO fuzilado pelo esquadrão. *Ultima Hora*, 08/10/1968. p. 8. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4514>. Acessado em 07 ago. 2018.

PADILHA investigará crimes da caveira. *Ultima Hora*, 15/06/1968, p. 11. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4293>. Acessado em 07 ago. 2018.

POLÍCIA de Luto Faz Juramento de Honra no Túmulo do Detetive; MORTE DE LE COCQ VAI CUSTAR 10 BANDIDOS. *Ultima Hora*, 29/08/1964. p. 1. Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/1247>. Acessado em 07 ago. 2018.

POLICIAIS da “Rosa Vermelha” não aceitam execuções avulsas: Retornam à ação sábado. *Ultima Hora*, 09/10/1968. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4517>. Acessado em 07 ago. 2018.

PROMOTOR acusa: - Peritos também são cúmplices. *Ultima Hora*, 11/06/1969. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/5145>. Acessado em 07 ago. 2018.

QUANTO vale a vida de um homem? *Ultima Hora*, 15/06/1969. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/5155>. Acessado em 07 ago. 2018.

ROSA Vermelha executou 3 no fim de semana. *Ultima Hora*, 14/10/1968. p. 13. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4527>. Acessado em 07 ago. 2018.

SOBREVIVENTE revela planos do Esquadrão. *Ultima Hora*, 19/10/1968. p. 7. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4543>. Acessado em 07 ago. 2018.

VINGANÇA! – Grito contra a matança. *Ultima Hora*, 15/10/1968. p. 8. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4533>. Acessado em 07 ago. 2018.

VÍTIMA 200+1 do “EM”. *Ultima Hora*, 02/10/1968. p. 6. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4498>. Acessado em 07 ago. 2018.